

PERSPECTIVA MULTI/INTERCULTURAL
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

MULTI / INTERCULTURAL PERSPECTIVE
AND HIGHER EDUCATION

Josianne Janilda Lacerda de Lima

Marilza Vanessa Rosa Suanno

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a perspectiva multi/intercultural na educação superior a partir das pesquisas e análises de Candau (2009). Primeiramente expõe-se relações conceituais e tensões presente no debate acadêmico em torno do multiculturalismo, especificamente o embate teórico entre os conceitos: a) globalização X multiculturalismo; b) igualdade X diferença; c) universalismo X relativismo cultural. Apresenta-se, sucessivamente três perspectivas de multiculturalismo: a) multiculturalismo assimilacionista; b) multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural; c) multiculturalismo interativo ou interculturalidade.

Palavras-chave: Universidade. Educação Superior. Multiculturalismo.

Abstract

This article presents reflections on the multi / intercultural perspective in higher education from the research and analysis of Candau (2009). First up exposes conceptual relations and tensions in this scholarly debate around multiculturalism, specifically the clash between the theoretical concepts: a) globalization X multiculturalism; b) equal X difference; c) universalism X cultural relativism. And following presents three perspectives of multiculturalism: a) multiculturalism assimilationist; b) multiculturalism differentialist or plural monoculturalism; c) interactive multiculturalism or interculturalism.

Keywords: University. Higher Education. Multiculturalism.

Introdução

Educação e cultura são dois conceitos que se articulam e interpenetram, assim, para compreendê-los é necessário perceber as relações intrínsecas entre os mesmos. Reflexões em torno da educação superior na contemporaneidade demandam relacioná-la a(s) cultura(s), aos ambientes e espaços de cruzamentos de culturas e de vivências democráticas e solidárias no contexto sócio-histórico atual. Visto que:

Não há educação que não esteja imersa nos processos culturais da sociedade, particularmente, do momento histórico e do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica 'desculturalizada', isto é, em que nenhum traço cultural a configure (CANDAU, 2009, p.47).

Candau (2009) concebe a universidade como um espaço de cruzamento de culturas. E por assim o ser é um espaço permeado por conflitos, diferenças, relações complexas e dinâmicas.

Neste sentido, é importante pensar como esta concepção pode reconfigurar as relações humanas, a cultura institucional, o trabalho docente, o fazer didático, o currículo, os princípios formativos, os projetos e processos institucionais.

A universidade tem o papel social de formar sujeitos sociais e é o *lócus* de construção e disseminação do conhecimento. Nesse contexto a diversidade cultural e as diferenças emergem e convivem, com igualdades e direitos assegurados e/ou com embates.

Para pensar a temática do multiculturalismo na educação superior apresenta-se como fundamental compreender conceitos vinculados a este e considerar que cada universidade tem sua história, sujeitos, cultura, valores, *habitus*, princípios, visão, missão, regulamentação, dentre outros, que as fazem diferentes umas das outras.

Emerge na contemporaneidade a intencionalidade de se construir processos educativos e currículo, em perspectiva multicultural, e assim valorizar a(s) cultura(s) e a convivência com a diversidade cultural, esta se apresenta como uma via de conscientização e de educação em valores. Para proporcionar assim, um ambiente acadêmico propício à formação de sujeitos sociais que sejam ativos, criativos, solidários e com consciência crítica do real papel do ser humano no ambiente em que vive.

As reflexões em torno do multiculturalismo, na educação superior, tem potencialidade para impulsionar transformações nas mentalidades, na convivência e nas práticas institucionais e formativas. A partir de reflexões individuais e coletivas que podem contribuir para superar e extinguir qualquer arquétipo de discurso e atitude preconceituosa.

Na sequência apresentamos relações conceituais, em torno do multiculturalismo, e suas tensões internas.

Multiculturalismo

O presente artigo tem a intenção de articular compreensões em torno da temática do multiculturalismo tendo como referência Candau (2009). Neste sentido, busca-se apresentar tensões e embates conceituais destacados por esta autora. Na sequência expõem-se as tensões evidenciadas, sendo elas: a) globalização *versus* multiculturalismo; b) igualdade *versus* diferença; c) universalismo *versus* relativismo cultural.

Globalização *versus* multiculturalismo

Candau (2009) analisa que existem tensões entre o conceito de globalização e o conceito de multiculturalismo. E alerta para que se evitem relações reducionistas entre tais conceitos. Em contrapartida, a autora valoriza que se construam relações multidimensionais, o que possibilita ampliar a percepção sobre as interfaces conceituais.

A globalização é um processo, em âmbito planetário, que tem “provocado” homogeneizações em diferentes esferas (economia, política, social, cultural, alimentar, moda, dentre outros). Entretanto:

É preciso ver a globalização como uma tendência real, mas não se pode fazer um raciocínio linear. Ela não ocorre por igual, nem no mundo, nem no Brasil. Temos aqui uma grande heterogeneidade econômica e social, disparidades regionais acentuadas (LIBÂNEO, 1998, p. 3).

A literatura referente ao multiculturalismo tem valorizado diversidade cultural por meio do reconhecimento das singularidades e das especificidades de cada cultura.

As relações entre globalização e multiculturalismo muitas vezes são apresentados como movimentos contrapostos. O primeiro reforçando a homogeneização e o segundo as particularidades culturais e as diferenças. No entanto, estas relações se revelam de grande complexidade, não podendo ser vistas de modo simplificado e reducionista, assumindo diferentes configurações (CANDAU, 2009, p. 51-52).

Por isso, globalização e multiculturalismo demandam olhar e relações conceituais multidimensionais.

Igualdade *versus* diferença

A segunda tensão conceitual, vinculada ao multiculturalismo, identificada por Candau (2009) foi igualdade *versus* diferença. A autora propõe um multiculturalismo que tenha uma visão integradora que articule igualdade e diferença, mantendo a contradição existente no seio desta relação. Ou seja:

Articular igualdade e diferença constitui outra questão que permeia todo o nosso trabalho. No entanto, o problema não é afirmar um polo e negar outro, mas sim termos uma *visão integradora*, sem silenciar seus aspectos conflitivos, da relação entre igualdade e diferença, nem se pode abordar a questão da diferença dissociada da afirmação da igualdade (CANDAU, 2009, p. 51).

A autora argumenta que nega a padronização e luta contra todas as formas de desigualdade social.

A igualdade que quero construir assume o reconhecimento de direitos básicos de todos/as. No entanto, esses todos/as não são padronizados, não são os “mesmos”, as “mesmas”. Reclamam o reconhecimento de suas identidades como elemento de construção de igualdade (CANDAU, 2009, p. 51).

Assegurar igualdade na diferença reclama por reconhecimento e valorização da identidade. O multiculturalismo, nesta perspectiva, luta contra as desigualdades de todas as ordens e contra os processos de padronização.

Trata-se de uma tensão que afeta, de modo direto, as relações entre educação e cultura(s), principalmente, quando se deseja “trabalhar” com uma concepção de cultura que seja plural, crítica e historicamente construída.

A tensão entre igualdade e diferença apresenta-se como fundamental para problematizar e reinventar a prática educativa, as relações interpessoais, os currículos. Na discussão, em torno do multiculturalismo, conceitos diversidade, pluralidade, igualdade, diferença, dentre outros, podem contribuir para a construção de uma educação superior multi/intercultural crítica.

De acordo com Candau (2009) não é possível pensar a igualdade, a justiça social sem incorporar a diferença e a luta contra as desigualdades, os preconceitos e a discriminação.

Universalismo x Relativismo Cultural

A autora reconhece as instituições educacionais como lugar de circulação de conhecimentos, saberes, valores e cultura(s). Assim, apresenta-se como elemento problematizador pensar a relação entre universalidade e relativismo cultural.

Frente aos conhecimentos e os valores universais é fundamental assumir um posicionamento crítico e reflexivo, visto que estes podem estar centrados nos preceitos da cultura ocidental e europeia, que guardam em si riscos de imposição, de dominação de uma cultura sob a outra.

Candau (2009) pondera que a postura crítica nos afasta dos polos da *universalidade* (demasiada valorização dos conhecimentos universais assentados na cultura ocidental europeia) e do *relativismo absoluto* (demasiada valorização de conhecimentos e valores de determinado universo cultural, singular, local) e propõem conhecimentos e valores transculturais.

A reflexão em torno da tensão universalismo x relativismo cultural possibilita superar um posicionamento dicotômico, superar a ideia de que existe apenas um conhecimento válido, comprovado, ou seja, o conhecimento científico. Superar esta noção de verdade, de superioridade do conhecimento científico em relação à outros tipos de conhecimentos, como por exemplo, conhecimentos construídos por diferentes grupos, movimentos sociais, em função de seu contexto, e no qual a ciência seria apenas um conhecimento entre tantos outros.

A tensão entre universalismo e relativismo é uns dos estudos presentes na ótica multicultural, por meio do universalismo entende-se que existem valores universais ou seja, compartilhados pelos indivíduos independentemente das culturas das quais fazem parte. Por outro lado, o relativismo prega em relação a que uma crença ou atividade humana individual deva ser compreendida em termos de sua própria cultura, ou seja, não há uma verdade absoluta, mas a existência de verdades que variam de acordo com os valores culturais de cada povo.

Significa, isto posto, transpor com um posicionamento radical e legitimar uma postura crítica em relação a um e outro, reconhecendo que tanto o conhecimento científico, como aquele

oriundo das práticas socio-culturais são construídos, podem transmutar segundo o seu contexto social, histórico e cultural e devem ser inseridos em diálogo, sempre na perspectiva da construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

Multiculturalismo: polissemia do termo

O multiculturalismo tem sido compreendido como um campo teórico, prático e político constituído por diversas concepções e vertentes.

Uma das características fundamentais das questões multiculturais é exatamente o fato de estarem transpostos pelo campo acadêmico e o social. O multiculturalismo não nasceu nas universidades, no âmbito acadêmico, mas nas lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos, nos movimentos sociais multifacetados. Sua penetração na universidade, até hoje é frágil e objeto de muitas discussões. Outra dificuldade é a polissemia do termo, que tem sido empregado com frequência, porém com diferentes significados.

Candau (2009) apresenta três perspectivas sobre o termo multiculturalismo, a fim de revelá-lo como dinâmico e variável: a) multiculturalismo assimilacionista; b) multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural; c) multiculturalismo interativo ou interculturalidade.

Multiculturalismo Assimilacionista

A abordagem assimilacionista parte do princípio de que todos que formam a sociedade se incorporem à uma cultura hegemônica. Essa abordagem defende que vivemos numa sociedade multicultural descritiva, e que nessa não existe igualdade para todos, a falta de acesso de alguns grupos menos favorecidos a determinados serviços, bens e direitos fundamentais.

Uma política assimilacionista favorece que “todos se integrem na sociedade e sejam incorporados a cultura hegemônica. No entanto, não se mexe na matriz da sociedade (CANDAU, 2009, p. 57)”. Em contrapartida, procura-se integrar os grupos marginalizados aos conhecimentos e valores socialmente valorizados pela cultura hegemônica.

Esta abordagem defende o projeto de afirmar uma "cultura comum", a cultura hegemônica, e, em nome dela, deslegitima dialetos, saberes, línguas, crenças, valores "diferentes", pertencentes aos grupos subordinados, considerados inferiores, explícita ou implicitamente.

Multiculturalismo Diferencialista ou Monoculturalismo Plural

A segunda perspectiva denominada multiculturalismo diferencialista, surge causando controvérsias e vem para rebater o termo denominado como assimilacionista, pois afirma que a assimilação nega ou silencia as diferenças. Para garantir a expressão das diferentes identidades culturais é necessário garantir espaços próprios e específicos, para que possam expressar com liberdade coletivamente, dando assim espaço para cada um mostrar a sua cultura. Esta abordagem parte da afirmação de que quando se enfatiza a assimilação termina-se por negar a

diferença ou por silenciá-la. Propõe, então, colocar a ênfase no reconhecimento das diferenças. Para garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto afirma ser necessário garantir espaços próprios e específicos para que essas possam expressar-se com liberdade e coletividade.

Multiculturalismo Interativo ou Interculturalidade

A perspectiva intercultural ou multiculturalismo interativo ocorre com variações em geral, em questões étnicas, religiosas e também de espaço, onde se abrange o acolhimento, o ato de interagir e conhecer o outro e o transformar de cada um com o conhecimento assim sendo uma consequência benéfica da evolução das culturas. Mantemos as origens e nos enriquecemos com a cultura do outro.

Candau (2009, p. 58) posiciona-se ao afirmar que:

me situo numa terceira perspectiva, que propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentua a interculturalidade, por considerá-la a mais adequada para a construção de sociedades, democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade.

115

A promoção deliberada da interrelação entre diferentes grupos socioculturais presentes em uma determinada sociedade é uma característica desta perspectiva e que se difere significativamente das duas outras visões apresentadas. Visto que a perspectiva assimilacionista não valoriza a explicitação das diferenças culturais e o enriquecimento mútuo promovido a partir desta posição. Já a perspectiva diferencialista favorece processos de afirmação de identidades culturais específicas.

A perspectiva intercultural concebe as culturas como contínuo processo de construção, desestabilização e reconstrução, processo este histórico e dinâmico, neste sentido não fixa os sujeitos em padrões culturais estáticos. Esta perspectiva considera que ocorrem processos de hibridação cultural na sociedade atual, de forma acelerada, favoráveis a construção de identidades abertas, em processo contínuo de construção, de tal forma as culturas não são puras (CANDAU, 2009).

A perspectiva da interculturalidade compreende que há mecanismos de poder que permeiam as relações culturais e com elas a presença do preconceito e da discriminação.

A interculturalidade não desvincula diferença e desigualdade em sua relação complexa e diversa, e que está dependente do contexto e da realidade em questão. Candau (2009) pautada em Boaventura Sousa Santos considera como importante promover a interação entre os diferentes saberes e assim ressignificar os conteúdos escolares, uma vez que as instituições educativas são percebidas como espaço de cruzamento de culturas. Assume-se uma visão plural,

contextual e situada da cultura escolar e da cultura da escola, neste sentido, emerge o desafio para se reinventar os espaços educativos (escola, universidade) e assim, construir coletivamente, e de forma permanente saberes, valores, práticas compartilhadas em uma determinada sociedade. Sobre a educação a autora pontua que:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades, e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas (CANDAU, 2009, p. 59).

Didática e perspectiva multi/intercultural na perspectiva de Vera Candau

Trazer a cultura para o centro do debate educativo, favorece a abertura de espaços para que as vozes, frequentemente silenciadas, possam se fazer ouvir e, desse modo, conquistar sua cidadania plena. O multiculturalismo na educação valoriza o sujeito enquanto ser histórico que pensa e reflete sobre suas práticas sociais, assim como sobre a influência do outro em sua formação como cidadão.

Ser docente no século XXI significa encontrar e enfrentar desafios. Este se torna ainda mais tênue quando se propõe a formar futuros professores.

O impacto das novas tecnologias de comunicação e informação; as tensões presentes em alternativas supostamente inclusivas; as disputas curriculares ou a busca por propostas pedagógicas globais são alguns dos assuntos que o campo da didática vem incluindo em seu horizonte de preocupações.

Também a discussão sobre o reconhecimento das diferenças culturais e as lutas por reconhecimento das identidades presentes em nossa sociedade. E esta questão tem recebido, nos últimos anos, a atenção especial de uma importante pesquisadora do campo da didática nosso país, Vera Candau, que apresenta um novo cenário, contraditório e ambíguo, marcado pela globalização e pelas reformas educacionais neoliberais, mas também, pelas propostas de atenção aos grupos sociais excluídos, à diversidade cultural, às questões étnicas, de gênero e sexualidade, à interdisciplinaridade aos múltiplos espaços, apresenta uma outra perspectiva didática.

No artigo *A Didática na Perspectiva Multi/Intercultural em Ação: Construindo uma proposta* (CANDAU e LEITE, 2007) apresentam resultados de pesquisa realizada entre 2003 e 2006, que suscitam investigações em torno do multiculturalismo, da diferenças culturais nas práticas educativas e assim o desejo de ressignificar a didática a partir da multi/interculturalidade.

As referidas autoras destacam que:

É sabido que a sala de aula não acontece em um vácuo histórico e político. É um espaço carregado de significados, que impõe relações assimétricas de poder, tanto entre professora e aluna, como entre as próprias alunas (CANDAU e LEITE, 2007, p.80).

O Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino (EDIPE) é um evento científico, no campo educacional, que congrega pesquisadores e profissionais que trabalham com questões relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, didática, metodologias de ensino, práticas de ensino, estágio e formação de professores. O IV EDIPE (2011), em Goiânia, teve como tema geral: “Para uma realidade complexa, que escola, que ensino?”

Vera Candau no IV EDIPE apresenta que “as diferenças são constitutivas das práticas pedagógicas” e estão emersas em diálogos, conteúdos e práticas educativas que envolvem tensões dialógicas que perpassam o momento sociohistórico que estamos vivendo.

Candau (2011) destaca também que:

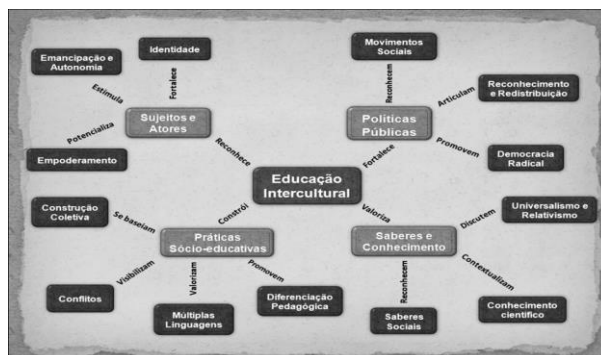
A questão da diferença na educação não é um problema inédito, no entanto, a reflexão atual, enfatiza o caráter histórico e sócio-cultural da construção das diferenças, nesse sentido a dimensão cultural adquire especial relevância.

A autora problematiza a didática a partir da interculturalidade. Como ensinar conteúdo sem contextualizá-lo? Sem inserir as práticas e vivências da atualidade? O fato é que devemos resignificar a educação, que ela seja um caminho de (re)construção do conhecimento, voltada para a multi/interculturalidade, formadora de sujeitos sociohistóricos transformadores de suas realidades. Candau (2011) propõe “uma educação intercultural que está pensada para promover ações diferentes nessa sociedade”.

Conclusão

A perspectiva da multi/interculturalidade na educação redimensiona as discussões didáticas, curriculares e também a formação de professores.

A fim de apresentar reflexões finais sobre a didática multi/intercultural e a dinâmica da educação intercultural apontaremos articulações a partir do mapa conceitual que segue.



Fonte: Candau (2011)

Do mapa conceitual é possível construir diversas interações, destaco algumas delas.

A educação intercultural fortalece pelas políticas públicas que reconhecem movimentos sociais, articulam o reconhecimento, a redistribuição e promoção da democracia. A educação intercultural valoriza os saberes e conhecimentos e discute o universalismo e relativismo, contextualizam o conhecimento científico e reconhece os saberes sociais.

A educação intercultural constrói práticas socioeducativas, se baseiam na construção coletiva, viabilizam o diálogo frente aos conflitos, valorizam múltiplas linguagens e promovem a diferenciação pedagógica. A educação intercultural reconhece sujeitos e atores, fortalece a identidade, estimula a emancipação e a autonomia e potencializa o empoderamento.

O presente artigo pretendeu apresentar reflexões sobre a perspectiva multi/intercultural na educação superior tendo como referência as pesquisas e análises de Candau (2009) em torno de tensões e relações conceituais (globalização X multiculturalismo; igualdade X diferença; universalismo X relativismo cultural) e considerando três perspectivas do termo multiculturalismo (multiculturalismo assimilacionista; multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural; multiculturalismo interativo ou interculturalidade).

Referências

CANDAU, Vera (org.). Didática – questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.

CANDAU, Vera e LEITE, Miriam Soares. A Didática multi/intercultural em ação: construindo uma proposta. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), v. 37, p. 731-758, 2007.

CANDAU, Vera. Escola, didática e interculturalidade: desafios atuais. In: LIBÂNEO, José Carlos e SUANNO, Marilza V. R. (Org.). Didática e escola em uma sociedade complexa. Goiânia: CEPED, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. PERSPECTIVAS DE UMA PEDAGOGIA EMANCIPADORA FACE ÀS TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. Entrevista. Revista Pensar a Prática, v. 1, jan./jun.1998. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/8/2613>. Acesso em: 05/04/2013.